

GEOGRAFICIDADE E ESPACIALIDADE NA LITERATURA

Eduardo MARANDOLA JR.¹

Lívia de OLIVEIRA²

Resumo

Geografia e Literatura são duas formas de conhecimento milenares que possuem raízes comuns e uma relação histórica indissociável. A modernidade, no entanto, encarregou-se de separá-las, colocando-as em duas “gavetas” distintas: Ciência e Arte. Há, no entanto, caminhos que continuam ligando estas duas formas de ver o mundo, tornando-as permeáveis. Cada uma, à sua maneira, funda novos mundos, a partir da relação criativa da razão-emoção-imaginação. O resultado são espacialidades e geofricidades que colocam o espaço e a geografia como elementos inalienáveis e fundamentais de toda narrativa e não apenas como palcos da trama literária. Este entendimento abre possibilidades de leitura da Literatura, assim como amplia o sentido do geográfico num mundo dinâmico e pluralista.

Palavras-chave: Geografia e Literatura. Criação literária. Ciência e Arte. História do Pensamento Geográfico. Humanismo em Geografia.

Abstract

Geographicity and Spatiality in Literature

Geography and Literature are ancient forms of knowledge with common roots and an inseparable historical relationship. Though modernity separated them into the distinct “drawers” of Science and Art, there are paths which continue to connect these forms of seeing the world, making them permeable. They each constitute new worlds out of the creative relation among rationality/emotion/imagination. The results are spatialities and geographicities that treat space and geography as fundamental and inalienable elements of every narrative, not only as a stage of a literary plot. This understanding opens possibilities of reading Literature, as well as widening the sense of the geographic in a dynamic and pluralist world.

Key words: Geography and Literature. Literary creation. Science and Art. History of Geographic Thought. Humanism in Geography.

¹ Geógrafo, Pesquisador colaborador do Núcleo de Estudos de População, Universidade Estadual de Campinas (Nepo/Unicamp). E-mail: eduardom@nepo.unicamp.br.

² Professora Emérita do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, campus de Rio Claro.

UMA NOVA CARTOGRAFIA DO MUNDO

A revelação de novos mundos, sobretudo diferentes das paisagens conhecidas, em face de um exuberante mundo tropical, confere-lhe, sobretudo, o caráter contido na etimologia do termo [geografia]: descrição da terra.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

No cenário mundializado contemporâneo, com as novas tecnologias de transporte e comunicação, temos visto nosso mundo “diminuir” gradativamente. Mas a compressão espaço-temporal não tem diminuído todas as distâncias na mesma proporção. Na verdade, o que temos visto é a deformação de tais distâncias, numa nova espacialidade que potencializa a mobilidade ao mesmo tempo em que produz a imobilidade. Esta nova geografia do mundo tem chamado a atenção de pensadores de diferentes áreas para a importância do espaço para além de sua dimensão física.

Mais do que uma alteração nas concepções científicas, vemos que o mapa cultural e intelectual do mundo é substancialmente outro neste início de século. Enquanto algumas fronteiras se reforçam (o aumento das barreiras à migração na Europa, conflitos étnicos e religiosos, o enfrentamento ocidente cristão Vs. oriente muçulmano) muitas estão mais fluidas, perdendo o sentido das análises por “escolas nacionais” na arte, na filosofia e na ciência, por exemplo. Nestes campos, as fronteiras nacionais já perderam muito do seu significado restritivo e explicativo.

A partir da percepção da alteração do próprio papel do espaço na sociedade contemporânea e da constatação de que a partir disto uma nova cartografia do mundo está sendo desenhada, o interesse pela discussão espacial tem se fortalecido, incidindo diretamente sobre a ciência geográfica. Não por ser ela a única a dedicar-se ao estudo do espaço, mas por ter ela a mais larga tradição em sua investigação, pensamento e exploração.

Geografia e espaço não são sinônimos, mas a ciência geográfica centrada no espaço possui conceitos e um método próprio que produz um discurso sobre o espaço que se abre ao diálogo interdisciplinar. Por esta via, muito tem se discutido a partir das noções de território, lugar, paisagem e região, tanto em sentido conceitual quanto metafórico.

A interface de conhecimento que nos interessa explorar nesta nova cartografia do mundo é a relação Literatura-Geografia. Se a ciência geográfica tem recebido crescente atenção por parte de estudiosos preocupados com as transformações contemporâneas, a Literatura já tem uma penetração muito maior na vida social e cultural.

Mas pensar a relação Geografia-Literatura não é apenas aproximar dois campos do conhecimento. Envolve aproximar duas visões de mundo que, enquanto tais, possuem suas especificidades, virtudes e limitações. Uma aproximação simplista reduziria o potencial compreensivo de uma ou de outra. Quer dizer: ler literariamente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura, numa transposição de discursos, produziria deformações e reduções, diminuindo assim a riqueza da interação e a sua permeabilidade.

Isto não é para dizer que há um grande fosso que separa Geografia e Literatura. Na verdade, houve um período em que havia poucos elementos que permitiam a separação entre Geografia, História e Literatura. Da Antiguidade até o Renascimento, a história de um povo estava intimamente ligada à geografia de seu território, frequentemente expostas numa prosa literária. É verdade que, conforme Friederich Ratzel assinalou, os historiadores produziam melhores obras do ponto de vista literário do que os geógrafos. No entanto, toda a literatura de viagens e explorações corroboram com a aproximação narrativa destes conhecimentos, num equilíbrio muito tênue entre o científico-geográfico, o fático-histórico e o estético-literário (RATZEL, 1990).

Tanto é verdade que Estrabão considerava Homero o pai da geografia, “por ter ele superado todos os seus predecessores e seus sucessores não apenas na arte poética, mas talvez também no conhecimento da vida civil.” (RATZEL, 1990, p.86). Raciocínio similar utiliza Orlando Ribeiro ao considerar Camões o primeiro geógrafo português (RIBEIRO, 1989) e Fernando Segismundo quando lembra que os antropogeógrafos brasileiros reivindicam Euclides da Cunha “[...] como o primeiro e o mais insigne dos de sua grei” (SEGISMUNDO, 1949, p.328). O próprio Pierre Monbeig estava convencido desta posição de Euclides da Cunha (MONBEIG, 1940).

Mesmo com esta proximidade, no entanto, o valor narrativo (o contar a história) sempre teve prevalência sobre o descrever ou representar o espaço. Reflexo de nossa tradição ocidental, onde o tempo prevalece sobre o espaço, na literatura prevaleceu, à medida que se consolidou enquanto um campo autônomo, o fio narrativo, deixando ao espaço um papel de palco, de adorno à história.

Mas esta questão está apenas aparentemente resolvida. Em grande medida, esta minimização do papel do espaço na literatura passa na verdade por uma simplificação de seu significado e da compreensão da própria Geografia. O romance moderno, que tem em Émile Zola seu primeiro artesão, ligado ao realismo, não concebia o espaço enquanto palco. Antes, utilizava-se dele e da ambientação como recurso narrativo, sendo tão entranhado à trama quanto os demais elementos.

A seara onde Geografia e Literatura se encontram atualmente é aquela zona fronteira entre Ciência e Arte, que as revisões paradigmáticas formuladas ao longo do século XX garantiram permeabilidade. O que eram limites se tornaram fronteiras, e por isso entramos no século XXI com a possibilidade de levar este debate adiante. E o duplo movimento que aproxima Geografia e Literatura é composto por duas viradas que permeiam as ciências e as artes simultaneamente: a virada espacial e a virada cultural (KAUFMAN, 2004). Estas permitem que o diálogo entre estes dois campos se aprofunde, encontrando condições em várias matrizes de pensamento para poderem se desenvolver.

Para Tuan (2004), lugar, arte e o eu são dimensões convergentes que expressam esta indissociabilidade, vindo por diferentes ângulos a natureza da experiência e da existência humana. Para o autor, há uma interpenetração destes elementos, sendo a arte o lugar da pausa para o eu se constituir, à medida que é no eu que se estabelece a fruição da arte cuja fixação se dá em um lugar. Podemos dizer que é um jogo de espelhos onde todos falam de cada um, revelando em sua projeção a dimensão essencial do ser-no-mundo.

Procuramos refletir, portanto, sobre as possibilidades que este diálogo apresenta para pensar a geografia do mundo contemporâneo, a partir de dois olhares que prevalecem nos estudos, geográficos e literários. Um pólo se liga mais diretamente à espacialidade, ao mesmo tempo comprometido com os cânones da modernidade e ligado à virada espacial; enquanto o outro pólo se desenvolve a partir da perspectiva transversal humanista (BAILLY; SCARIATI, 1999), aproveitando-se do novo contexto paradigmático e da virada cultural. São respectivamente os pólos do realismo e da fantasia, presentes tanto na arte quanto nas ciências (TUAN, 1990).

Essas tendências se desenvolvem no tempo da chamada arte pós-moderna, que surge neste novo mundo desterritorializado, onde as fronteiras se tornam permeáveis e o sentido dos lugares é questionado. Quais as possibilidades de permeabilidade entre os discursos geográficos e literários? Seria esta uma via de mão dupla? Como estabelecer os termos deste diálogo? Estaria nossa literatura hoje mais ou menos devedora ao espaço e à Geografia? Em que medida nossa Geografia depende da literatura?

Para pensarmos estas questões, precisamos acompanhar a formação do pensamento geográfico sobre a Literatura, suas tentativas de incorporação e a forma como hoje, geógrafos e literatos, têm convergido em busca da compreensão da espacialidade e da geograficidade nas obras ficcionais. Este caminho nos leva por um número grande de trabalhos que têm sido realizados por geógrafos e literatos, no Brasil e em outros países,

aos quais procuramos visitar para compor uma visão abrangente desta fronteira interdisciplinar e das suas possibilidades para pensarmos as dimensões espacial e cultural do homem no mundo contemporâneo.

GEOGRAFIA E LITERATURA: TRAMAS DO SOLO E DA MENTE

As “Canções de Gesta” são, ao mesmo tempo, literatura e geografia, como o são as canções folclóricas de todos os tempos.

Fernando Segismundo

À primeira vista parecem conceitos inconciliáveis: Geografia e Literatura. Porém, quando se aprofunda em leituras em vários idiomas e perspectivas literárias, se constata que estes temas se apresentam muitas vezes imbricados. As relações que se estabelecem entre a Geografia e a Literatura sempre foram necessárias para que as atitudes e o mundo assumissem verossimilhança.

Não é de hoje que os geógrafos apontam o valor da literatura para o conhecimento geográfico. Este interesse original se dá pelo que os romances tinham de realidade, de conhecimento sobre os lugares e regiões. Tanto na descrição da paisagem e dos costumes dos lugares quanto de processos físicos (como a desertificação, os ritmos climáticos, os eventos extremos, o solo e o relevo). Fascinava os geógrafos do século XIX e da primeira metade do século XX a capacidade de muitos escritores de descrever regiões e lugares que os próprios geógrafos, muitas vezes, ainda não tinham estudado. Pode-se identificar estas indicações inclusive no período da sistematização da geográfica, como nas aproximações de Humboldt com a pintura e a literatura, num contexto de maior aproximação entre os saberes. É neste sentido que Pierre Monbeig apontava, já em 1940, que não era possível estudar uma cidade ou uma região sem ler, primeiro, seus grandes romancistas, pois deles era possível extrair ricas e detalhadas descrições sobre a paisagem geográfica, o clima, as cidades, as pessoas, o relevo, enfim sobre o cotidiano do mundo vivido das sociedades (MONBEIG, 1957). Seguindo o raciocínio do autor, podemos pensar que é impossível investigar Paris sem ler Zola, as tormentas do Índico e do Pacífico sem ler Conrad, ou mesmo investigar o sertão sem ler Euclides da Cunha ou Guimarães Rosa. Ler estes autores, assim como tantos outros que em primeira mão produziram uma visão e um discurso sobre lugares, paisagens e regiões era encarado como fundamental para a realização do estudo científico destas áreas.

Mas talvez a primeira indicação mais clara tenha sido anterior, ainda na década de 1920, em textos de John K. Wright, um geógrafo dedicado aos estudos históricos e aos mapas. Pelo menos três deles são explícitos em trazer obras literárias para o escopo geográfico: “Geography in Literature” e “The geography of Dante”, ambos publicados em 1924, e “A plea for the history of geography”, de 1926 (WRIGHT, 1924a; 1924b; 1926). Brosseau (1994; 1996) aponta outros textos que fizeram alusões nestas primeiras décadas, o que pode ser entendido devido à ainda existente proximidade dos conhecimentos e a ligação entre geógrafos e historiadores, cujo interesse mútuo pela Literatura sempre foi um elo comum.

Muitos geógrafos do século XIX ou da primeira metade do século XX foram levados à Geografia pela pena dos romancistas, como Aziz N. Ab'Saber relata em suas memórias profissionais, afirmando que “[...] via a geografia através dos romances.” (AB'SABER, 2007, p.47). Não é por acaso: epopéias clássicas como a *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero, a

Eneida, de Virgílio, ou os *Lusíadas* de Camões, entre a realidade e a ficção, trazem em seus bojos os símbolos, os imaginários mitológicos da cultura ocidental, podendo ser encaradas como registros geográficos ou ensinamentos históricos, bem como comunicação para a posteridade sobre lugares e pessoas. Mas, acima de tudo, para nos deleitar em suas leituras. Gerações e gerações têm bebido em suas fontes cristalinas e perenes, outrora e sempre. As obras de Shakespeare e Calderón de la Barca têm sido mananciais contínuos a agradar os nossos sentidos com suas palavras poéticas, dramáticas, trágicas, e às vezes provocando o riso.

Por outro lado, são inúmeros romances regionais que extrapolam o confinamento dos limites da região, como revela o *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Espaço geográfico, não inventado, mas criado para contar a história e a longa viagem de Riobaldo, o jagunço em sua trágica trajetória existencial e metafísica pelos sertões de Minas Gerais (ROSA, 2001). O mundo roseano é a dialética da História e da Geografia, mas sem tempo e sem espaço. Está em todos os lugares e em nenhum tempo. Está em todos os tempos e em nenhum lugar. Tudo isso escrito em uma linguagem tão brasileira e tão universal, criando uma nova sintaxe, propondo novos termos, novos fraseados, porém nascidos do linguajar dos moradores do sertão, com as palavras de Walnice Nogueira Galvão:

Guimarães Rosa toma a liberdade de trocar um sufixo por outro; ou então deriva um verbo, até então inexistente, de um substantivo ou adjetivo; ou, ao contrário, deriva um substantivo ou adjetivo de um verbo. Ou ainda inventa um verbo, aliás onomatopaico, a partir da enumeração das vogais ("o mato aeiouava"). Ou forja um nome próprio, em puro exercício lúdico, ao juntar o pronome de primeira pessoa, em várias línguas – que na prosódia brasileira, se tornam irreconhecíveis – para batizar a personagem Moimeichego (Moi + me + ich + ego). E assim por diante. Tudo isso a língua também faz, este escritor como que conseguindo reproduzir os processos de criação da próxima língua. (GALVÃO, 2002, p. 344)

O romance de Guimarães Rosa é a ficção mais real que nos defrontamos nestes Brasis de sertões, de veredas, de rios caudalosos, de chapadas, de jagunços, de fábulas, de vilarejos empoeirados, de sertanejos fortes e armoriais, multifacetados, mas irmanados pelas falas e pelas crenças.

Nesta linha destacaram o papel da Literatura para a Geografia o geógrafo Fernando Segismundo, em 1949, e o poeta-literato Mauro Mota, em sua *Geografia literária*, de 1961 (SEGISMUNDO, 1949; MOTA, 1961). Alguns geógrafos contemporâneos, ligados a uma tradição materialista, têm enfocado de maneira similar este valor geográfico da literatura, destacando os fatos históricos, as dinâmicas sociais e a espacialidade presente nas obras. Estes autores encaram a obra de arte enquanto documento, e por isso elas "contêm" ou expressam os elementos geográficos de seu contexto de produção (CRAVIDÃO, 1992; ARAÚJO, 2002-2003).

Sobre a Terra Brasilis, desde o início da colonização até após a independência foram inúmeros relatos que se pode classificar como literatura geográfica. Ao penetrar no sertão brasileiro estudando ou satisfazendo suas curiosidades acerca deste mundo tropical, renomados naturalistas, pintores e exploradores deixaram para a posteridade relatos que nos permitiram refazer nossa história e geografia pela riqueza de pormenores e sutilezas quanto à fauna, flora e habitantes do Brasil. Assim, se pode enumerar dezenas de exemplos: Humboldt, Lery, Thevet, Staden, Rugendas, Saint Hilaire, cartas de jesuítas e governadores-gerais, não nos esquecendo de nosso registro de nascimento: a Carta de Caminha ao rei D. Manoel, de Portugal.

O romance brasileiro, portanto, pode ser tomado em sua linguagem literária para se debruçar sobre suas geografias. São inúmeros escritores que contribuíram para o conhe-

cimento do tema e das gentes brasileiras, englobando as questões locais e regionais, contribuindo para firmar e delinear a identidade deste vasto país em busca de afirmação, enquanto nação. São autores que lançaram as bases para se compreender a formação histórica e cultural, partindo de uma geografia com ritmos e símbolos criando personagens e descrevendo a realidade de um prisma artístico. Com a imaginação artística, os possíveis mundos reais e fictícios assumem contornos, descrições e representações dependendo dos olhares e das cores da interpretação da leitura e da escrita. É tarefa do geógrafo lançar as redes para procurar as ilações entre as duas linguagens. Estas idéias são bem claras nas palavras de Regina Araújo:

A literatura brasileira incorpora em várias de suas obras mais relevantes elementos de interpretação histórica e geográfica do país em formação. Apropriada pela crítica literária, a idéia de “formação” ganha eficácia explicativa em duas direções aparentemente opostas, mas na realidade complementares: a literatura, ao mesmo tempo, é formada e transforma o chão social, cultural, histórico e geográfico sobre o qual nasceu, e que lhe conforma organicidade e sentido. É formada, pois incorpora problemas de seu tempo e de seu espaço; transforma, pois, cria e cimenta identidades locais, regionais e nacionais, impondo-se como representação coletiva que funda práticas e vínculos culturais e sociais. (ARAÚJO, 2002-2003, p. 46)

Assim sendo, a Geografia como a História tem ocupado um lugar de destaque na literatura brasileira, haja vista a plêiade de excelentes escritores, de vários cantos e tendências, com os diálogos de seus heróis e a descrição de seus entornos, enriquecendo e tornando a língua portuguesa algo viva, dinâmica e universal. As estéticas literárias são variadas, assim como os autores e seus livros, principalmente aqueles que se sentem à vontade nesta natureza tropical, tão verde e tão árida, com rios caudalosos e planícies extensas, com tipos nascidos da terra e das penas dos literatos, esta paisagem tem sido um símbolo para a identidade nacional, e o romance brasileiro têm sido apontado como formador desta própria identidade e território (CANDIDO, 1959; HELENA, 2006; AVELLAR, 2007).

José de Alencar, indianista que escreveu uma série de romances tratando o cotidiano dos tipos, tanto urbanos quanto rurais, é um dos autores que atestam isto. *O Guarani* mostra o índio em contato com o branco, tendo de fundo a floresta, os animais, e os primeiros vilarejos. *Iracema* retrata o branco entre os índios, e *Ubirajara*, o índio entre os índios. Sabemos que são romances idílicos e às vezes piegas e melosos, mas, há uma preocupação em chamar a atenção da sociedade imperial para uma parte da população menosprezada. Além desses, Alencar escreveu obras sobre a cidade do Rio de Janeiro, com suas paisagens e seus habitantes, como *Senhora*, *Diva*, *Lucíola*. Retratou assim o viver urbano da capital do império sem se esquecer do sertão inóspito com tipos rudes e heróicos saídos da realidade brasileira, como em *O sertanejo*, *O gaúcho*, *As minas de prata*, *O tronco de Ipê*. Estes romances incorporaram o espírito nacionalista e ressaltam o heroísmo de figuras vivendo em paisagens e regiões afastadas do convívio da corte do Rio de Janeiro, mas integrantes da história cultural.

Jorge Amado é outro exemplo, revelando e ajudando a construir a identidade e os sentimentos baianos, percorrendo sobre a sociedade cacaueira do sul da Bahia, emoldurada pelo sol tropical vivido pelos coronéis e seus amores, como *São Jorge dos Ilhéus*, *Cacau* ou *Gabriela, cravo e canela*. O autor também cantou em prosa alegre e picante em tramas com paisagens, coqueiros, praias e o mar da baía de Todos os Santos. São muitos os romances, como *Capitães de areia*, *Mar Morto*, *Dona Flor e seus dois maridos* e muitos outros.

No mundo sulino, temos Érico Veríssimo, com a saga *O tempo e o vento*, que extrapola a geografia remontando ao passado. Nele encontramos figuras míticas, saídas da terra brasileira e colocadas vivas diante de nós.

Pelas vias veias modernistas, Mário de Andrade fez um estudo do herói de todos os tempos e todos os lugares em *Macunaíma*, revelando o caráter heróico e a sua vida numa nação que, ainda se encontra em formação. E não podemos nos esquecer de Gilberto Freyre, que em sua monumental obra trouxe à baila a vivência e a sociologia da *Casa grande e senzala* e dos *Sobrados e mocambos*.

A Literatura é entendida aqui como complemento ou como fonte de informações (descrições e representações) do espaço. Mesmo tendo este reconhecimento e esta relação Geografia-Literatura assim estabelecida (numa relação hierarquizada), ainda assim os geógrafos não se utilizaram livremente das narrativas. Se historicamente ambas estiveram sempre associadas, a modernidade encarregou-se de separá-las em duas "gavetas" bem distintas: Ciência e Arte, o que contribuiu para uma resistência a encarar a Literatura enquanto forma de conhecimento legítimo do ponto de vista científico. Cravidão e Marques (2000, p. 24) se interrogam acerca desta situação:

O recurso a outras áreas científicas tem sido, desde há muito, uma prática na Geografia. Porém, quase sempre áreas, cuja afinidade ninguém questiona. Quantas vezes a Geografia Física recorreu aos postulados da Geologia, da Biologia, da Física ou da Química. E a Geografia Humana quantas vezes utilizou como contra moldes a Sociologia, a História, a Economia ou a Antropologia? Inúmeras. No entanto, áreas como a Literatura, a Psicologia ou as Artes, têm sido pouco utilizadas, ainda que nos transmitam outros modos de perceber o(s) território(s). Isto é, o mesmo objeto pode ser olhado e entendido de formas diversas que não se excluem, antes se completam.

Algumas poucas exceções, porém, são notáveis. Nesta literatura a meio caminho da ciência e da ficção, há algumas que se utilizam do discurso metafórico-simbólico como linguagem para revelar o sentido dos lugares. Um bom exemplo é *Chile o una loca Geografía*, de Benjamin Subercaseaux, escrito nos idos de quarenta. Não é uma ficção, porém sua trama é tecida com os fios das diversas regiões geográficas chilenas. É uma visão da realidade passando pelo crivo da literatura. O autor assim se expressa:

Lo que hemos realizado aquí es algo mucho más importante: hemos puesto la Geografía – nuestra geografía – dentro de la vida, que es grande, y al alcance de la medida humana, que es pequeña. No habría sido posible lograrlo sin el auxilio de la verdad pura, que abre las buenas y las malas perspectivas, y sin el apoyo de la ternura, que es amor y comprensión de los hombres y de las cosas. (SUBERCASEAUX, 1940, p.14)

Esta louca Geografia é representada por um mapa longitudinal para conter o perfil do território inteiro, com suas montanhas, vulcões, geleiras, deserto, vales e ilhas, assim como suas gentes, seus sentimentos, onde muitas estão juntas e que não podem separar. Longe de apenas descrever a geografia chilena, o livro utiliza a metáfora na caracterização das regiões. O Chile é tido como uma terra na qual a **cabeça** queima de calor (o norte desértico); o **tronco** treme com os terremotos (o centro agitado); os **pés** gelam de frio (o sul antártico); as suas **costas** furam as nuvens (o leste andino); e sua **frente** volta-se para a imensidão do oceano (o oeste marítimo), sendo porquanto uma ilha, isolada por todos os lados. Aqui o autor considera que a Arte e a Geografia, nesta parte do mundo, se completam e se comunicam harmoniosamente, pois, há algo de eterno e de único, procurando unir o mapa à paisagem. O autor deixa para a posteridade este mosaico

geográfico, de uma louca Geografia, apertada entre montanha e mar, estreita e longa, com uma miríade de ilhas.

Este tipo de leitura prenuncia dois aspectos que caracterizam a aproximação Geografia-Literatura no final do século XX e início do XXI. O primeiro é o recurso ao metafórico, a uma linguagem que busca os símbolos e os significados nas formas e signos presentes na obra (discurso) e no próprio espaço (telúrico). O segundo é um esforço, por parte dos geógrafos, de exercitar uma escrita mais solta, mais fluida, incorporando elementos pessoais e “literários” a seus textos.

Estas novas tendências passam a se fazer notar somente a partir dos anos 1970, portanto, os geógrafos começam a encarar a Literatura de uma maneira diferente, para além de seus caracteres realistas. O grande enriquecimento vem da Geografia Humanista (dos ingleses) e da Geografia Cultural (dos franceses), num movimento de renovação da Geografia que visava resgatar os valores humanistas renascentistas ao mesmo tempo em que se buscava o estudo da experiência humana sob a Terra (MARANDOLA JR., 2005). Estas inspirações produziram novas orientações como a busca pelo sentido do lugar, que predomina na primeira coletânea dedicada ao tema organizada por geógrafos, em 1981 (POCOCK, 1981), ou o significado da paisagem, que tanto motivou geógrafos (SALTER; LLOYD, 1977), quanto provocou a confluência de literatas (MALLORY; SIMPSON-HOUSLEY, 1987).

A partir desta renovação, os estudos geográficos, até então concentrados nos romances realistas regionalistas, ampliaram suas perspectivas, dedicando-se cada vez mais à literatura contemporânea com seu novo grande tema: a cidade (PINHEIRO e SILVA, 2004, 2007; MARANDOLA, 2006). Os dois grandes precursores desta renovação foram o estadunidense John K. Wright, com sua geosofia, e o francês Eric Dardel, com a noção de geograficidade.

Ambos produziram contribuições quase 20 anos antes da eclosão da renovação teórico-metodológica que elevaria os estudos de manifestações artísticas e culturais a um estatuto mais consolidado na ciência geográfica. Wright (1947) defendeu em seu discurso presidencial na *Association of American Geographers*, em 1946, a necessidade de ir além das fronteiras do conhecimento geográfico formal, incorporando o conhecimento geográfico produzido fora da academia. Sua **geosofia**, a geografia do conhecimento (em ampliação ao conhecimento da geografia) influenciou profundamente uma geração de geógrafos que, movidos pela “libido geográfica” instada por Wright, procuraram explorar as *terrae incognitae* dos geógrafos, entre as quais a Literatura e a Arte figuravam em destaque.

Dardel (1952) foi o responsável por trazer de forma contundente e sistemática o pensamento fenomenológico à Geografia. Em seu livro *L'Homme et la Terra: nature de la réalité géographique*, o autor propõe a noção de **geograficidade**, que expressa a relação visceral Homem-Terra. É a inauguração de uma geografia vivida em ato, que tem na experiência o principal caminho de construção do conhecimento. A geograficidade diz respeito aos laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, trazendo para o campo de interesse do geógrafo a afetividade, os sentimentos, a emoção e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo implicam.

A partir destas contribuições seminais, os geógrafos puderam ampliar seu olhar sobre a Literatura, indo além da descrição da paisagem, compreendendo que “A representação do espaço no discurso literário não deve estar condenada a um processo exclusivo de descrição da paisagem, considerada como o aspecto mais visível do espaço. É possível e necessário apreender e revelar aspectos e traços humanos essenciais.” (BASTOS, 1998, p.63). A partir dela (e não nela) os significados, o sentido dos lugares, as identidades territoriais, os sentimentos de desterritorialização e de envolvimento com o meio, a percepção da paisagem, os sentimentos topofóbicos e topofílicos (rejeição e afeição aos lugares), além dos símbolos e metáforas de natureza espacial e telúrica tornaram-se foco do estudo geográfico de obras literárias.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, um dos principais expoentes destes estudos no Brasil, assinala a natureza destes e suas características:

Em verdade, toda uma trama, um enredo que se desenrola sobre uma cena, tudo é narrado num romance, acontece ('tem lugar') num continuum espacial mais ou menos definido, e a participação do leitor – que não é totalmente passiva como na leitura jornalística – tende a identificá-la a uma realidade concreta, ou seja, 'geográfica'. Mas, em tanto que na criação artística, ficcional, haverá, forçosamente, um 'espaço artístico' que não pode ser reduzido aos limites estreitos de uma paisagem real.

[...]

não quer dizer, de nenhum modo, que a criação literária substitua a Geografia, mas é preciso que se considere uma possibilidade de complementação enriquecedora. E daí a necessidade de promover a relação geográfica-literatura como veículo de educação no ensino médio. E reconhecer também que, por mais tabelas de dados e comprovações científicas que uma análise geográfica possa fornecer, haverá uma possibilidade de que um artista criador – na alta literatura – com outros recursos tenha o poder de criar uma 'realidade infinita'. (MONTEIRO, 2006, p. 61)

Esta é a base de sua leitura no que chama de conteúdo geográfico de criações romanescas, cuja abordagem tem se feito notar nos últimos 20 anos. Junto com ele, no entanto, vemos um crescente número de esforços localizados, pouco sistematizados, de aumentar e fazer frutificar esta profícua relação Geografia-Literatura. Como lembra Tuan (1978, p. 195), as tendências nas relações estabelecidas entre Geografia e Literatura podem ser de três tipos: o texto geográfico pode conter qualidades literárias; o texto literário pode ser uma fonte para a análise geográfica ou a literatura pode encerrar em seu texto uma perspectiva para as pessoas vivenciarem suas visões de mundo, sendo um referencial para a percepção e cognição do meio ambiente.

Podemos assim identificar algumas abordagens e tendências, no caso brasileiro, às quais se ligam mais ou menos à leitura realista dos romances regionalistas ou que procuram aproximar-se de uma leitura humanista a partir de diferentes elementos e estratégias interpretativas e analíticas. Nem todas são efetivamente abordagens consolidadas, algumas se tratam de apontamentos de caminhos possíveis que alguns pesquisadores têm tomado, conforme apresentamos num quadro preliminar (Figura 01). Note-se que as referências não visam esgotar a multiplicidade de trabalhos e a sua dispersão, já considerável, pelos centros acadêmicos brasileiros. Antes, visa esboçar um cenário onde está crescendo um campo de pesquisa no país e que ainda está a caminho de sua consolidação. É importante notar ainda que na base de cada abordagem há uma concepção da Geografia e da Literatura, da Ciência e da Arte, que se reflete não apenas na leitura, mas também na forma de encarar a relação entre elas.

Estas abordagens nos ajudam a pensar os elementos que os trabalhos geográficos têm apresentado para construirmos os caminhos geográficos para a literatura. Poderíamos fazer outras organizações, como a realizada por Brosseau (1994; 1996), que, ao analisar estudos anglo-saxões e franceses, utilizou uma perspectiva histórica da evolução das preocupações, ou aquela feita por Claval (2005) a partir de um olhar temático-teórico. Cada forma de organizar esta produção ressalta ou oculta elementos que, no caso da bibliografia brasileira, tem se mostrado muito plural em buscar referenciais e alternativas para o estudo de obras literárias, ao mesmo tempo em que ainda não consolidou linhas muito claras de análise, prevalecendo soluções e construções teóricas específicas em cada pesquisa.

Abordagens	Escopo	Alguns Trabalhos Representativos
Leitura realista	O espaço e a paisagem aparecem enquanto realidade a partir do naturalismo, sendo descritas e compondo o cenário, não a trama. Aproxima-se da literatura científica, vendo as obras como documento histórico e do pensamento geográfico	Munirati (1994); Antonio Filho (1997, 2006); Oliveira (2001); Rodrigues (2003); Moreira (2004); Antonello (2005); Amorim Filho (2008)
Conteúdo geográfico	Busca a confluência do mapa e da trama, numa aproximação Ciência-Arte a partir das narrativas e sua espacialidade	Monteiro (1988, 2002, 2005, 2008)
Espaço telúrico e imaginação da matéria	Formas de hibridismo homem-natureza em que se atribui aos personagens ou à trama as características, físicas e simbólicas, dos elementos da natureza, a partir da geopoética	Gratão (2002, 2006); Marandola (2007)
Percepção e experiência ambiental	O espaço é vivido e significado, revelado pelos lugares e paisagens	Lima (1994; 2000); Bley (1997); Wanderley; Menêzes (1997); Oliveira (2002); Soares (2005)
Paisagens vividas e significadas	A dimensão simbólica e afetiva das paisagens expressa a geografia do lugar e a geograficidade	Seemann (2007)
Paisagens culturais e representações	Toma o texto literário como representações da espacialidade, da identidade e da territorialidade	Olanda; Almeida (2007); Olanda (2008); Sousa; Chaveiro (2008)
Sentido do lugar	A descrição e ambientação narrativa revelam o significado cultural dos lugares	Laganá (1997); Marandola Jr. (2007)
Experiência espacial do autor	Pela memória ou pela vivência, é a experiência geográfica do autor que compõe e localiza a obra	Wanderley (1997); Suzuki (2005); Marandola (2007)
Espacialidade e temporalidade	Novas territorialidades constituídas a partir do rompimento das fronteiras e da intensificação das trocas culturais e dos processos de des-re-territorialização. É um tema antigo (a migração e a fuga) e contemporâneo (novo cenário do romance): a pós-modernidade	Haesbaert (1997)
Geografias simbólicas e criadas	O espaço enquanto metáfora está presente nos próprios personagens, na trama, nas paisagens e lugares interiores, fundando um mundo, mantendo uma relação ambivalente de verossimilhança e imaginação, resultando em outras geografias	Oliveira Jr. (2002, 2006); Marandola Jr. (2006, 2007)
Espaço romanesco	Parte de elementos de análise literária para compreender a trama, incorporando elementos próprios da estrutura narrativa como o tempo, o foco narrativo e a variação dos tempos verbais	Suzuki (2006)

Figura 01 – Esboço de organização das abordagens de estudo da relação Geografia-Literatura em trabalhos de geógrafos brasileiros – Pós-1990

Apesar desta pluralidade, dois aspectos saltam aos olhos ao passarmos em revista os estudos geográficos de obras ficcionais: uma parte deles dedica-se à espacialidade (materialidade) e outra à geograficidade (imaterialidade). Outro aspecto refere-se à oposição entre a realidade na obra de arte e à criação artística. Estariam estas em oposição inconciliável?

EM BUSCA DA GEOGRAFICIDADE DA LITERATURA

Le vrai sentiment régionaliste demande autre chose que le souci naturaliste du cadre et l'inquiétude des conditions locales; il repose sur les sens des lieux, de leur mystères et sur l'intuition des correspondances qui peuvent se mouer entre les êtres et les choses.

Paul Claval

O texto de uma obra é uma comunicação individual e coletiva. É uma trama contínua entre o real e o fictício. É como tecer os fios entre o sujeito e o objeto, podendo ser escrito, falado, iconográfico ou imagético. Daí o texto poder ser considerado como um entrelaçar as linhas reais e fictícias. Aqui entra a geograficidade na escala individual constituindo-se pelos sentimentos, afetividade, escolhas e mundo fenomenológico. Enquanto na escala coletiva compreendendo as imagens, imaginário, cultura, território, discurso. Todas estas dimensões estão reunidas no texto (MARANDOLA JR.; SILVA, 2004).

O espaço, o lugar e a paisagem são categorias de análise em Geografia. Trabalhamos a horizontalidade dos fenômenos; visualizamos os objetos e os lugares em um espaço. A paisagem contém os atributos do mundo vivido. Lembramos, aqui, o axioma de Relph (1979, p.16): "Lugares têm paisagens, paisagens e espaços têm lugares". Por outro lado, Tuan (1983, p. 180), em seu livro *Espaço e Lugar* aponta que na perspectiva da experiência "a arte literária chama a atenção para as áreas de experiência que de outro modo passaria despercebidos [...] uma função da arte literária é dar visibilidade a experiências íntimas, inclusive às de lugar". Como espaço e lugar se fundem, pois são duas faces de uma mesma moeda, pode-se expressar a espacialidade como o caráter extrínseco da geografia. Espacialidade que se constrói a partir da realidade tanto a geográfica como a literária. Porém, esta não se prende à concretude das condições daquela; ela transcende à própria realidade, porquanto é uma ficção, é uma criação de um autor, que escolhe e constrói o espaço e o lugar, e aqui, acrescentamos a variável tempo para a existência de seus personagens, seus enredos, enfim seus ambientes, dando, assim vida a uma obra artística. Estes conjuntos ficcionais, não surgem do nada, mas, são produtos de uma visão de mundo do escritor, expressando o seu discurso, engendrado e filtrado pela sensibilidade da mente, da experiência e revelando a espacialidade literária, que varia de autor para autor, de época para época.

Podemos recorrer a Marily da Cunha Bezerra e Dieter Heidemam, em seu artigo "Viajar pelo serão roseano é antes de tudo uma descoberta":

Lá estava o Morro da Graça, solitário, sob o olhar de uma população de três mil pessoas que nunca tinham lido Guimarães Rosa e nem sabiam que seu morrão era famoso. Mas o morrão é deles, os viu nascer e acompanha a vida daquele lugar desde sempre [...] Chegar por meio da literatura, buscando um morro que é personagem de um conto, de uma estória inventada, ou nascer ali: visões

diferentes, fortes, emocionantes, que geram amizades, projetos e brincadeiras.

E o morro que nos encanta, que vemos da janela de nossa casa sertaneja é o mesmo que vêem os vizinhos morrogarcenses?

Sabemos que não, que paisagem é dentro de nós, enquadrada por nosso olhar particular, por nossa memória individual, por mais coletiva que possa ser. (BEZERRA e HEIDEMAM, 2006, p. 7-8)

O interesse geográfico pela Literatura se inicia justamente pela espacialidade explícita e implícita das narrativas. É o que os romances trazem de realidade, de veracidade que interessa e salta aos olhos. Esta situação é muito expressiva da própria condição da Literatura no período de formação da ciência geográfica (século XVIII e XIX), momento em que assume as feições do romance moderno. É a época do surgimento dos Estados-nacionais, da sistematização e institucionalização de várias ciências e do triunfo do positivismo e do racionalismo enquanto formas privilegiadas de pensamento.

Segundo Carlos Fuentes, o realismo coloca como imperativo do romance a veracidade e a verossimilhança, como forma de legitimidade de sua existência. A este se somam outros relacionados ao entendimento de que a arte deveria acompanhar os desenvolvimentos materiais da sociedade, da política e das idéias: a necessidade de falar da nação (contribuindo assim na construção da identidade nacional) e de ser útil e politicamente engajado, não se admitindo a literatura como entretenimento (FUENTES, 2007).

Estes três grandes imperativos funcionaram, na opinião de Fuentes, como grandes impedimentos ao desenvolvimento da literatura. Para ele, “o escritor e o artista não sabem: imaginam.” Em vista disso, obrigá-los a escrever a partir do realismo é limitar as possibilidades criativas ao que já se sabe, o que já conhecemos. Na literatura, diferente da ciência, não é a razão que tem a primazia, mas “a imaginação é o nome do conhecimento na literatura e na arte.” Quem se dedica somente ao verismo não pode revelar o principal que a literatura pode trazer: o não-visível (FUENTES, 2007, p.19).

Nossa literatura também foi profundamente influenciada por estas querelas, pesando o espaço e a natureza do país sobre os romancistas, que se viam instigados a tratar deles, formando uma literatura brasileira sobreposta à realidade geográfica e social, com uma vocação claramente ecológica mantendo-se durante a conquista do território (DIMAS, 1987). “Regionalismo brasileiro, realismo, modernismo de 1930 – necessidade documental, fotográfico ‘conferem um lugar privilegiado à organização do espaço, sem contudo converter a ação e os personagens a meros objetos submetidos à tirania do meio.’” (BASTOS, 1998, p.65).

Este verismo literário vinha de uma necessidade “fotográfica” de documentar, de trazer à tona, de dar solidez e veracidade à narrativa, que, em verdade, a grande literatura pouco ou nada sofreu. Mesmo em autores em que este realismo é latente e parte explícita de sua narrativa, o espaço não reduz a narrativa a uma correspondência de lugares e paisagens. Na verdade, este equívoco cometido por parte de uma crítica literária que procurou explicitar e analisar o papel do espaço na criação literária, se deu pela via da correspondência: buscando a exatidão ou a imprecisão do relato dos escritores. Este tipo de geografia literária, segundo Antonio Dimas, “[...] pouco acrescenta ao estudo da literatura, uma vez que incorre numa espécie de reducionismo realista paralelo ao do escritor.” (DIMAS, 1987, p.07).

O erro comum destas análises é pressupor que o valor geográfico da literatura está no que ela tem, em seu conteúdo. Assim como a grande literatura, o que é potencialmente revelador e enriquecedor, do ponto de vista geográfico é o que elas possuem de criação. O principal é o que a literatura acrescenta, não o que ela reproduz ou repete (FUENTES, 2007).

Mesmo nos romances realista-regionalistas, a sua geografia não se resume à sua espacialidade (a organização material dos objetos espaciais, sua lógica e processo de

formação). Estes romances expressam de maneira bastante evidente as ligações entre a sociedade e o seu ambiente, revelando o sentido da geograficidade inerente: um envolvimento geográfico orgânico e visceral.

Estes podem ser identificados em alguns romances e lidos em algumas análises feitas por literatas que têm se ocupado em investigar o espaço e a Geografia nas obras literárias. Segundo Dimas (1987), há três formas de o espaço aparecer na literatura: (1) de forma tão importante a ponto de alcançar estatuto igual ao dos outros componentes da narrativa; (2) de forma diluída, tendo uma importância secundária; e (3) de forma a se descobrir a funcionalidade e a organicidade gradativamente, haja vista que o escritor conseguiu dissimulá-lo a ponto dele estar harmonizado com os demais elementos narrativos.

A análise de Judith Grossmann sobre o romance *Suor*, de Jorge Amado, é um exemplo desta permeabilidade entre espacialidade e geograficidade presentes na literatura, configurando-se no terceiro caso apresentado por Dimas. Segundo a autora,

O mais importante, numa obra de arte literária, é a convergência do espaço geográfico do mundo em um ou mais pontos espaciais, ao qual ele se torna referido. Este ponto, finalmente, pode ser o próprio texto literário. Em *Suor*, ele é nomeado, o espaço geográfico do mundo se reúne na Bahia, tomada como seu centro. (GROSSMANN, 1993, p.14)

Longe de focar a correspondência exata entre como Jorge Amado descreve a Bahia e o que “realmente” poderíamos encontrar lá, Grossmann (1993, p.15-16) apreende a estrutura espacial do romance, que está centrada numa escala espacial concêntrica onde está focada a narrativa: cidade da Bahia, o sobrado na Ladeira do Pelourinho, e dentro dele os quartos. “Quartos inscritos no sobrado, sobrado inscrito na ladeira, ladeira inscrita na cidade, cidade inscrita no estado, estado inscrito no país, país inscrito no mundo.”

O escritor revela a estrutura do espaço da cidade pela movimentação das personagens, vindo dos mais diversos bairros, fundando a cidade não apenas pelo mapeamento dos seus espaços em expansão, mas “[...] pelas mil e uma narrativas em flash-back, através das quais as histórias dos personagens são recapturadas.” (GROSSMANN, 1993, p.20).

O espaço é estrutural na obra de arte literária, porque ela é espaço. O espaço, por sua vez, pode encontrar-se mais ou menos tematizado, e em *Suor* ele é o próprio tema. Cidade da Bahia. Suor. Caminha-se do suporte espacial para a sua invenção e a sua mitificação. Tudo aqui é clima, atmosfera, mistério, e tudo isso se irá adensando e se tornando orgiástico, dionisíaco, para dentro da obra amadiana. (GROSSMANN, 1993, p.15)

Na leitura de Grossmann, portanto, o espaço verossímil-verídico Salvador-Bahia-Ladeira do Pelourinho-Sobrado não se realiza a partir de sua correspondência real. Antes, deste espaço geográfico surge um outro “que mantém contato visceral com seu ponto de partida, pois é dele uma visão e uma interpretação. É esta a visão ficcional que confere realidade ao espaço real, que, dentro da complexa operação desrealizadora, ainda mais o realiza.” (GROSSMANN, 1993, p.21). O romance atinge, pela via realista e regionalista, a plenitude de sua universalidade, fundando a Cidade, a partir da internalização e a metaforização dos espaços.

Outro exemplo de análise de romance realista que não o reduziu à sua espacialidade explícita, identificando o espaço entremeado à narrativa sem prevalência ou subvernência em relação aos demais componentes narrativos, é o ensaio de Tânia Franco Carvalho sobre a obra de Érico Veríssimo. Segundo a autora, Porto Alegre funciona na obra de Veríssimo como cenário preferencial, mas não como mero contexto espacial que merece sua descrição como recurso à veracidade. Antes, a cidade compete em interesse com os

outros personagens, deixando de ser apenas referência geográfica, como em *O resto é silêncio*, em que “[...] o urbano parece ser móvel de todos os acontecimentos, desde seu início, quando a paisagem outonal é minuciosamente descrita em vários pontos da cidade, caracterizando-a.” (CARVALHAL, 1993, p.55).

A fonte para tal envolvimento vem da própria trajetória do autor. Migrante que vem do campo para a capital, Veríssimo sentiu a grande diferença espacial e sociocultural que separavam os dois espaços. Fascinado pela cidade, conseguiu tornar a paisagem, o ambiente e o espaço parte do romance, sem dualismos, estabelecendo “[...] uma estreita vinculação entre a ação e o ponto geográfico no qual ela ocorre, como os seleciona estrategicamente e como aproveita o cenário da cidade de que tanto gostava, fazendo-a presente com suas singularidades [...]” (CARVALHAL, 1993, p.57).

Mas é na escrita da saga do sul que Veríssimo irá de fato, segundo Carvalho, encontrar seu tema privilegiado. E é nesta saga que encontraremos uma geograficidade que subjaz à espacialidade representada, com toda a sua força.

Veríssimo funde de forma única as personagens, a trama e o espaço, mantendo uma correspondência e indissociabilidade que levam a uma hibridização total, transferindo qualidades de uma a outro. Assim, suas personagens são forças da natureza, como aqueles que viviam os campos do Rio Grande do Sul e que contribuíram para a construção de um Estado. Quando Veríssimo se descobre o escritor desta saga, é na sua memória que ele irá recorrer. “Não é só paisagem o que lhe vêm à memória mas esta em íntima inter-relação com o homem, prenunciando o futuro tratamento das suas personagens como se fossem parte da natureza e a conformassem, estando também afeitas a suas influências.” (CARVALHAL, 1993, p.61). Sua descrição precisa centra-se no espaço, indo e vindo no tempo, marcando assim as três faces da obra da maturidade do autor: “o geográfico (ou espacial), o individual (a história individual de cada um) e o social (o entrelaçamento da narrativa individual no conjunto mais amplo da família e da sociedade).” (CARVALHAL, 1993, p.65).

É de sua própria experiência que brotarão todos aqueles personagens que são as figuras do Rio Grande do Sul, mas não como uma localização espacial restrita; antes, se constrói como uma realidade povoada, de forte densidade humana, que dota sua obra de uma geograficidade fundada, primeiro, na própria experiência do autor; e segundo, na relação de um povo com sua terra.

Outros textos são igualmente exemplares em mostrar a força que a geograficidade possui em relação à espacialidade no texto literário, como os estudos de Antonio Candido e de Anne Belgrand sobre *L'Assommoir*, de Émile Zola; o texto de Letícia Malard sobre Guimarães Rosa; a investigação de José Aderaldo Castello sobre José Lins do Rego; a análise de Milton Hatoum sobre *A selva*, de Ferreira de Castro, e *Mad Maria*, de Márcio Souza; e o ensaio de Márcia M. M. Feitosa sobre *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto (CANDIDO, 1995; BELGRAND, 1981; MALARD, 1993; CASTELLO, 1993; HATOUM, 1993; FEITOSA, 2007).

Mas talvez quem levou às últimas consequências as possibilidades da leitura geográfica de obras literárias tenha Franco Moretti. Ele buscou no método cartográfico elementos para realizar uma análise espacializada das criações literárias. A partir dos romances europeus do século XIX, ele elaborou mapas que não se constituíram no fim de sua pesquisa, mas no início. O recurso aos mapas implicou buscar novas análises e novas relações que emergiram da análise do mapa. Assim, ele faz uma análise geográfica dos romances de maneira especialmente original.

[...] ‘a natureza de cada lugar’ [...] é de fato ‘um componente do acontecimento’: no sentido de que *cada espaço determina, ou pelo menos encoraja, sua própria espécie de história*. Não há picaresca na fronteira, ou *Bildungsroman* do europeu na África: essa forma específica necessita desse espaço específico – a es-

trada, a metrópole. O espaço não é o 'fora' da narrativa, portanto, mas uma força interna, que o configura a partir de dentro. Ou, dito de outra forma: nos romances europeus modernos, *o que* ocorre depende muito de *onde* ocorre. Assim, quer saibamos ou não – fazemos tantas coisas, sem saber que as estamos fazendo –, seguindo 'o que ocorre' produzimos um mapa mental dos muitos 'ondes' dos quais nosso mundo é feito. (MORETTI, 2003, p.81 – grifos do autor)

Moretti não foge das implicações de sua escolha e evita a armadilha dos determinismos espaciais. Antes, utiliza os mapas dos romances não para fazer uma geografia literária, mas para elucidar o papel do espaço e dos lugares na narrativa. O resultado é surpreendente, porque um mapeamento de romances, a princípio, nos traria a idéia de que a verossimilhança e a veracidade é que seriam seu alvo. Ledo engano. O que Moretti consegue é adensar as tramas das narrativas, encontrando segredos e significados na escolha dos lugares das ações, em formas, concentrações, dispersões, movimentos e muitos outros elementos geográficos que só se tornam visíveis a partir da linguagem específica da cartografia e do raciocínio próprio de um geógrafo, o que chama também de literatura vista de longe (MORETTI, 2008).

Em nossa rica literatura regional, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) iniciou a composição do *Atlas das representações literárias de Regiões Brasileiras*, cujo primeiro volume foi lançado em 2006. Com um cunho regionalista, o atlas busca "[...] identificar e mapear regiões, com base em obras de Literatura nacional, construindo um mapa do Brasil onde a identidade é o elemento central para a individualização dos diferentes segmentos territoriais." (IBGE, 2006, p.13). De fato, o resultado é algo muito próximo de uma geohistória da arte (KAUFMANN, 2004), com uma bela amarração entre Literatura, Geografia e História, a partir da identidade regional. Os romances escolhidos são aqueles que contribuíram para a formação da região sul (CANDIDO, 1959), colocando-o, portanto, entre os esforços de compreender a espacialidade da literatura.

O desafio que nos persegue, ainda, é o de conseguir realizar o mapeamento de nossos sentimentos, da geograficidade. Ainda é necessária a produção de uma geohistória da arte que amarre Literatura, Geografia e Experiência, focando a dimensão existencial e afetiva. "A ficção e a imaginação têm preenchido essa lacuna [...] a literatura nos brinda com '*insights*' de nosso interior." (OLIVEIRA, 2006, p.35). O primeiro atlas da experiência humana, no entanto, já foi composto. Os cartógrafos Louise van Swaaij e Jean Klare fizeram um atlas representativo do mundo interior, com rico simbolismo telúrico (SWAAIJ; KLARE, 2004). Assim, um atlas do romance brasileiro que representasse toda sua riqueza tanto em sua espacialidade quanto em sua geograficidade seria um intento que aprofundaria nosso entendimento e compreensão da riqueza geográfica e literária de nossa literatura.

PARA QUE LITERATURA? PARA QUE GEOGRAFIA?

*É uma nova geografia que há que inventar rompendo ainda
divisórias entre disciplinas, com geógrafos
abertos à literatura e à arte, e homens de
letras a par da Geografia.*

Armand Frémont

No mundo contemporâneo, tempo de comunicação instantânea, hipermobilidade, disponibilidade e profusão de informações, Carlos Fuentes coloca a pergunta que muitos

se têm feito: “O romance morreu? [...] Que pode dizer o romance que não se possa dizer de nenhuma outra maneira?” (FUENTES, 2007, p.13). E com a compressão espaço-temporal, processos de reestruturação produtiva, novas relações territoriais e identitárias, o advento do globalismo, muitos também têm sido levados a perguntar: “A Geografia morreu? Para que Geografia?” E talvez seja também saudável perguntar: “Que pode dizer a Geografia que não se possa dizer de nenhuma outra maneira?”

Não temos certeza de que estes novos tempos de fluidez espaço-temporal rompam com a experiência do lugar, tornando-a impossível, como querem crer alguns (BITTENCOURT; SCHMIDT, 2004). Embora hibridismos, deslocamentos, mobilidade e nomadismos sejam uma constante no mundo contemporâneo, a referência espacial é inalienável para a existência. Conforme mostra o filósofo Edward Casey acerca do lugar do eu no mundo contemporâneo: “[...] **no place without self and no self without place**” (CASEY, 2001, p.684 – grifo do autor).

Do realismo regionalista do romance do século XIX ao cenário cosmopolita, ‘desterritorializado’ e plural contemporâneo, o espaço e a Geografia são uma constante na Literatura, apresentando formas diferentes, mas nunca se ausentando. Mais do que palco, a espacialidade e a geograficidade fazem parte das narrativas, enquanto elementos que contribuem significativamente para a compreensão daquilo que a obra traz de novo a partir de sua linguagem específica.

As tramas ficcionais são tão reais quanto são ficcionais os fatos históricos e os entes geográficos mencionados nas obras. Assim como as obras do século XIX respondiam de alguma forma a seu espaço-tempo (concordando ou discordando dele), hoje o romance não morreu: ele se reescreve em novas cartografias literárias (HOISEL, 2004), aumentando sua mobilidade e sua multiplicidade de referências espaço-temporais, mas sem poder se alienar delas.

Na literatura, tanto quanto na vida, o a-temporal e o a-espacial se referem sempre ao universal, àquilo que transcende seu espaço-tempo original. Não implica a negação da espacialidade nem da geograficidade. Contudo, ainda continuamos enfrentando de forma muito tímida esta seara, o que se observa no pouco diálogo com a arte contemporânea e a chamada literatura pós-moderna, onde os elementos geográficos estão mais fluídos na narrativa.

Literatura e Geografia possuem linguagens próprias, formas de dizer e ver o mundo específicas, que revelam e criam outros mundos. Renato Janine Ribeiro aponta que os usos da linguagem são em primeiro lugar registrar, depois aconselhar e ensinar para transmitir o conhecimento e o terceiro é o comunicar aos outros (RIBEIRO, 2002, p. 307-314). Talvez, o mais prazeroso é o quarto de agradar e deleitar o ouvinte ou o leitor. As obras literárias são procuradas para deleite próprio, selecionadas segundo a experiência, a classe, o interesse do leitor, atendendo a necessidade do momento. Mas são também passaportes para outros mundos, para a construção de novas experiências, outras viagens: de reflexão, deleite, deslumbramento e descoberta. E por que não podem também assim ser os tratados de Geografia? Como perguntava Wright (1947), por que o geógrafo não pode escrever tal qual um literato, derivando o leitor de sua escrita o mesmo deleite e prazer?

Esta linguagem específica do romance está na sua forma de representação de mundo, produzindo diferentes representações do espaço. Este discurso funda um novo mundo a partir da linguagem escrita, ficcional, que mesmo que não prime pelos postulados realistas, não pode senão estar falando da própria realidade. Como reflete Fuentes (2007, p.16-17) acerca de Franz Kafka, acusado em seu tempo de fugir do realismo: “Hoje, quem duvida de que é o escritor mais realista do século XX, aquele que com maior imaginação, compromisso e verdade descreveu a universalidade da violência como passaporte sem fotografia do nosso tempo?” O principal em Kafka, assim como em Borges, Calvino ou outros escritores “transgressores” do século XX, é a revelação que vem da imaginação

criadora, que os torna profundamente atuais e comprometidos em falar de seu tempo e da própria condição humana.

Envolvendo o não-dito e o não-visível, esta linguagem está associada tanto à experiência do escritor quanto à memória do leitor. A representação espacial da literatura, portanto, é um processo cultural que envolve vários níveis de interação social, desde a experiência e representação do espaço na ótica do autor até o processo de recepção/leitura, onde outras representações espaciais são produzidas (BASTOS, 1998).

Os autores da literatura brasileira, por exemplo, nos brindam com a procura do cerne de nosso sentimento como nação. Toda esta linguagem literária engloba a nossa linguagem geográfica. É campo que se estende à nossa frente à procura dos pontos de contato entre a paisagem e a arte; se fazendo necessários encontros entre literatos e geógrafos. Pois, são estes ficcionistas que têm o segredo de criar personagens e colocá-los em um cenário cotidiano, como expressão da vida, penetrando e identificando múltiplas realidades. Portanto além ou aquém é entre a literatura e a geografia que reside o segredo do sagrado, do mistério, da imagem de nossa nação e de nossa gente brasileira.

Assim, respondendo às perguntas sobre a morte da Literatura e da Geografia, vemos as duas se reinventando para dar novas respostas a velhas perguntas, já que a experiência do homem sobre a terra, seus sentimentos, dores, identidades, angústias e afetividades continuam sendo a maior *terrae incognitae* a ser explorada por escritores e geógrafos.

O que Literatura e Geografia ainda têm a dizer se refere, portanto, à maior aproximação entre Ciência e Arte, afastando da primeira sua excessiva pretensão ao passo que admitimos a Arte como a grande "parabólica" dos sentidos e significados. O aumento da permeabilidade e da aproximação dos saberes é uma senda que ambas podem contribuir a trilhar.

Pierre Monbeig já defendia que o geógrafo tinha que utilizar em seus textos um veio literário, pois sua ciência é analítica e se ocupa em identificar as correlações de elementos complexos e heterogêneos. No entanto, admitiu que "[...] depois de seu renascimento moderno, a geografia se tornou cada vez menos literária ao passo que a literatura se tornava dia a dia mais geográfica." (MONBEIG, 1940, p.225).

O esforço contemporâneo de religar estes saberes é no sentido de frear este afastamento, voltando a ciência geográfica em direção à arte ao mesmo tempo em que a análise literária olha para a Geografia para além de seus atributos físicos: como mero palco de ação da narrativa.

As cores, os sabores e as texturas culturais e geográficas são, portanto, a principal liga que une estas duas formas de conhecimento no desenho de geografias literárias e de literaturas geográficas intensas, profundas, realistas, subjetivas, vividas e culturalmente significadas.

REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz N. **O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes.** Rio de Janeiro: Record, 2007. 207p.

AMORIM FILHO, Oswaldo B. Literatura de explorações e aventuras: as "Viagens extraordinárias" de Júlio Verne. **Sociedade & Natureza**, v. 20, n.2, p.107-119, dez. 2008.

ANTONELLO, Ideni T. O olhar geográfico na interioridade do olhar sensível da obra literária. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 1, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: LPUR/UUEL, 2005. [CD-ROM]

ANTONIO FILHO, Fadel D. O Pensamento Geográfico e Euclides da Cunha: resgatar é preciso. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.9, n.18, p.53-56, 1997.

_____. Na Planície Amazônica, de Raimundo Moraes: uma avaliação do pensamento geográfico na literatura regionalista. In: VITTE, Antonio C. (Org.) **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. p. 217-251.

ARAUJO, Regina. Do sertão aos pampas: o território da literatura nacional no século XX. **Terra Brasilis**, Rio de Janeiro, anos III e IV, ns. 4-5, p. 45-66, 2002-2003.

AVELLAR, José C. **O chão da palavra**: cinema e literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 438p.

BAILLY, Antoine; SCARIATI, Renato. **Voyage en Géographie**: une géographie pour Le monde. Une géographie pour tout le monde. Paris: Anthopos, 1999. 104p.

BASTOS, Ana Regina V. R. Espaço e literatura: Reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**. n.5, p.55-66, 1998.

BELGRAND, Anne. Espace clos, espace ouvert dans *L'Assommoir*. In: CROUZET, Michel (Org.) **Espaces romanesques**. Paris: Presses Universitaires de France, 1981. p.5-14.

BEZERRA, Marily C; HEIDERMAN, Dieter. Viajar pelo sertão roseano é antes de tudo uma descoberta. **Estudos Avançados**, v.20, n.58, p.7-15, 2006.

BITTENCOURT, Gilda N.; SCHMIDT, Rita T. Apresentação. In: BITTENCOURT, Gilda N., MASINA, Lea dos S.; SCHMIDT, Rita T. (Org.) **Geografias literárias e culturais**: espaços, temporalidades. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. p.07-18.

BLEY, Lineu. A imagem de Lisboa na obra de Eça de Queiroz. **Geografia**, Rio Claro, v.22, n.2, p.41-56, 1997.

BROSSEAU, Marc. Geography's literature. **Progress in Human Geography**, v.18, n.3, p.333-353, 1994.

_____. **Des romans-géographes**: essai. Paris: L'Hamarttan, 1996. 246p.

CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira*: momentos decisivos. São Paulo: Martins, 1959.

_____. Degradación del espacio em *L'Assommoir*. In: _____. **Ensayos y comentarios**. Campinas: Ed. da Unicamp; São Paulo: fondo de Cultura Económica de México, 1995. p.15-49.

CARVALHAL, Tânia F. Érico Veríssimo: o romancista do Sul. In: GROSSMAN, Judit; MARTARD, Letícia; CARVALHAL, Tânia F.; CASTELLO, José A.; HATOUN, Milton. **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p.53-70.

CASEY, Edward S. Between Geography and Philosophy: what does it mean to be in the place-world? **Annals of the Association of American Geographers**, v.91, n.4, p.683-693, 2001.

CASTELLO, José A. O nordeste em "Pedra bonita" de José Lins do Rego. In: GROSSMAN, Judit; MARTARD, Letícia; CARVALHAL, Tânia F./ CASTELLO, José A.; HATOUN, Milton. **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p.73-99.

CLAVAL, Paul. Le thème Régional dans la littérature française. **L'Espace géographique**. Tome XVI, n. 1, p.60-72, jan./mar., 1987.

_____. Lieux de memoire. **Espaço e Cultura**, ns.19-20, p.89-106, jan./dez. 2005.

CRAVIDÃO, Fernanda D. Ficção, espaço e sociedade – notas para leitura geográfica e social da obra de Alves Redol – Avieiros. **Cadernos de Geografia**, Coimbra, n.11, p.37-47, 1992.

CRAVIDÃO, Fernanda D.; MARQUES, Marco. Literatura e Geografia: outras viagens, outros territórios. Emigrantes de Ferreira Castro. **Cadernos de Geografia**. Coimbra, n.19, p. 37-47, 2000.

DARDEL, Eric. **L'Homme et la Terra: nature de la réalité géographique**. Paris: PUF, 1952. 133p.

DIMAS, Antonio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Ática, 1987. 77p.

FEITOSA, Márcia M. M. O espaço da imaginação ou a imaginação do espaço em "Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra", de Mia Couto. **Labirintos**, UEFS, n.2, 2º Sem. 2007. Disponível em: <http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2007/03_artigo_de_marcia_manir_miguel_feitosa.pdf>

FUERTES, Carlos. **Geografia do romance**. (trad. Carlos Nougué) Rio de Janeiro: Rocco, 2007. 191p.

GALVÃO, Walnice N. O mago do verbo. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 5, n.10. p. 343-351, 1º Sem. 2002.

GRATÃO, Lúcia Helena B. **A poética d' O rio-Araguaia: de cheias e ... vazantes...** (à luz da imaginação) 2002. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. Por entre Becos e Versos – A cidade vi(vi)da de Cora Coralina contemplada pelo campo da imaginação geográfica. In: ENCONTRO DE PERCEPÇÃO E PAISAGEM DA CIDA-DE, 1, 2006, Bauru. **Anais**. Bauru: Fundunesp, 2006. [CD-ROM]

GROSSMANN, Judith. A ficcionalização do espaço geográfico em "Suor", de Jorge Amado. In: GROSSMAN, Judit; MARTARD, Letícia; CARVALHAL, Tânia F.; CASTELLO, José A.; HOTOUN, Milton. **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p.13-29.

HAESBAERT, Rogério. Território, poesia e identidade. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro, n.3, p.20-32, 1997.

HATOUN, Milton. A natureza como ficção (leitura do espaço nos romances A Selva, de Ferreira de Castro, e Mad Maria, de Márcio Souza). In: GROSSMAN, Judit; MARTARD, Letícia; CARVALHAL, Tânia F./ CASTELLO, José A.; HATOUN, Milton. **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p.103-117.

HELENA, Lúcia. *A solidão tropical: o Brasil de Alencar e da Modernidade*. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2006.

HOLSEI, Evelina. Sobre cartografias literárias e culturais. In: BITTENCOURT, Gilda N.; MASINA, Léa dos S.; SCHMIDT, Rita T. (Org.) **Geografias literárias e culturais: espaços / temporalidades**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004. p.149-156.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Atlas das representações literárias de regiões brasileiras**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. 86p. [Volume 1 – Brasil Meridional]

KAUFMANN, Thomas da C. **Toward a Geography of Art**. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.

LAGANÁ, Liliana. Imagem e memória no espaço do retorno: viagem à Sicília com Elio Vittorini. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) **Turismo. Modernidade. Globalização**. São Paulo: Hucitec, 1997. p.155-160.

LIMA, Solange T. **A percepção geográfica da paisagem dos gerais no Grande Sertão: Veredas**. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

_____. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n.30, p. 07-33, jul./ago. 2000.

MALARD, Letícia. Minas Gerais em Guimarães Rosa. In: GROSSMAN, Judit; MARTARD, Letícia; CARVALHAL, Tânia F.; CASTELLO, José A.; HATOUN, Milton. **O espaço geográfico no romance brasileiro**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993. p.33-50.

MALLORY, William; SIMPSON-HOUSLEY, Paul. **Geography and Literature: a meeting of the disciplines**. Syracuse: Syracuse University Press, 1987. 210p.

MARANDOLA, Janaina A.M. Silva. O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Geografia**. Rio Claro, v. 31, n.1, p. 61-81, jan/abr. 2006.

_____. **Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto**. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

MARANDOLA JR., Eduardo. Humanismo e a Abordagem Cultural em Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v.30, n.3, p.393-420, set./dez. 2005.

_____. Narrativas calvinianas: da descrição do explorador ao percurso do andarilho. **Rua**, Campinas, n.12, p.45-58, mar. 2006a.

_____. Geosofia e Humanismo: do conhecimento geográfico à Geografia do Conhecimento. In: KATUTA, Angela; SILVA, William R. (Org.) **O Brasil frente aos arranjos espaciais do Século XXI**. Londrina: Edições Humanidades, 2007. p. 269-297.

MARANDOLA JR., Eduardo; SILVA, Janaína A. M. A cidade na “pena” do cronista: Geograficidade e texto. **GeoUERJ**, ns.15-16, p.73-87, 1º e 2º Sems. 2004.

MONBEIG, Pierre. Literatura e Geografia. In: _____. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940. p.222-229.

_____. O Estudo Geográfico das Cidades. In: _____. **Novos estudos de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Difel, 1957. p.33-77.

MONTEIRO, Carlos Augusto F. O conteúdo geográfico nos espaços romanescos. **Ciência e Trópico**, Recife, p.175-205, 1988.

_____. **O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico de criações romanescas**. Florianópolis: Editora UFSC, 2002. 242p.

_____. **O sentimento do mundo entre a Ciência (Geografia) e a Arte (Poesia Dramática) no nascedouro do Brasil**. São Paulo: FFLCH, 2005. 48p.

_____. O espaço iluminado no tempo volteador (Grande Sertão: Veredas). **Estudos Avançados**. São Paulo, v.20, n.58, p.47-58, 2006.

_____. **Geografia sempre: o homem e seus mundos**. Campinas: Edições Territorial, 2008. 255p.

MOREIRA, Ruy. SER-TÕES: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa (um ensaio sobre a geograficidade do espaço brasileiro). **Ciência Geográfica**, Bauru, ano X, v.X, n.3, p.186-194, 2004.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. (trad. Sandra G. Vasconcelos) São Paulo: Boitempo, 2003. 215p.

_____. **A literatura vista de longe**. (trad. Anselmo Pessoa Neto) Porto Alegre: Arquipélogo, 2008. 183p.

MOTA, Mauro. **Geografia Literária**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. 193p.

MUNIRATI, Eduardo. **Atos agrestes**: uma elaboração geográfica na obra de Graciliano Ramos. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLANDA, Diva A.M. “Memórias do vento” e as paisagens citadinas. In: ALMEIDA, Maria G.; CHAVEIRO, Eguimar F.; BRAGA, Helaine C. (Org.) **Geografia e cultura**: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Vieira, 2008. p.255-283.

OLANDA, Diva A.M.; ALMEIDA, Maria G. Uma visão geográfica em “O fiel e a pedra” de Osmar Lins. **Sociedade & Natureza**, v.19, n.1, p.143-156, jun. 2007.

OLIVEIRA, Livia. Sertão rosiano: percepção, cognição e afetividade geográfica. *Scripta*. Belo Horizonte, v. 5, n.10. p. 234-242, 1º Sem. 2002.

_____. Representação cognitiva do mundo interior. In: OLIVEIRA, Livia; FERREIRA, Yoshya N.; GRATÃO, Lúcia H.B.; MARANDOLA JR., Eduardo (Org.) **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.35-47.

OLIVEIRA, Selma V. A geopoesia de Euclides da Cunha. **Ciência Geográfica**, ano VII, v.III, n.20, p.61-63, set./dez. 2001.

OLIVEIRA JR., Wenceslao. Rio acima: percursos pelo filme **Apocalipse Now**. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 78, p.287-295, 2002.

_____. Locais do desejo numa cidade degredada: uma interpretação geográfico-subjetiva do filme “Amarelo Manga”. In: OLIVEIRA, Livia de; et al. (Org.) **Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006. p.191-210.

PINHEIRO, Délio J. F.; SILVA, Maria A. (Org.) **Visões imaginárias da cidade da Bahia**: um diálogo entre Geografia e Literatura. Salvador: Eufba, 2004.

_____. (Org.) **Imagens da cidade da Bahia**: um diálogo entre a geografia e a arte. Salvador: Eufba, 2007.

POCOCK, Douglas. (ed.) **Humanistic Geography and Literature**: essays on the experience of place. London: Croon Holm Ltda., 1981. 224p.

RATZEL, Friederich. Geografia do homem (Antropogeografia). In: MORAES, Antonio C.R. (Org.) **Ratzel**. (trad. Fátima Murad; Denise Bottman) São Paulo: Ática, 1990. p.32-107.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro. v.4, n. 7, p.01-25, abr. 1979.

RIBEIRO, Orlando. Camões e a Geografia. In: _____. **Opúsculos geográficos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. p.09-50.

RIBEIRO, Renato J. O letrado e o guerreiro: ou dois ensaios sobre o âmagô terrível da linguagem. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 5, n.10, p. 307-320, 1º Sem. 2002.

RODRIGUES, Maria F.F. A natureza e o *Lunário Perpétuo* no imaginário sertanejo. In: ALMEIDA, Maria G. (Org.) **Geografia**: leituras culturais. Goiânia: Alternativa, 2003. p.89-112.

ROSA, João G. **Grande sertão**: veredas. 19ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p624.

SALTER, C.L.; LLOYD, W.L. **Landscape in literature**. Washington: Association of American Geographers, 1977. [Resource paper for College Geography]

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura de Geografia. **Boletim Geográfico**, ano 7, n. 76, p. 327-332, jul. 1949.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v.1, n.1, p.50-73, set. 2007.

SOARES, Maria L. de A. De novos olhares e linguagens para o conhecer geográfico: o pantanal de Manoel de Barros e o Capibaribe de João Cabral. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 1, 2005, Londrina. **Anais...** Londrina: LPUR/UUEL, 2005. [CD-ROM]

SOUSA, Andrea A.M.; CHAVEIRO, Eguimar. O diálogo entre Geografia e Literatura: a representação de Goiânia na obra *Viver é devagar*. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v.2, n.5, p.89-120, dez. 2008.

SUBERCASEAUX, Benjamin. **Chile o una loca geografia**. Santiago de Chile: Ediciones Ercilha, 1940.

SUZUKI, Júlio C. Geografia e Literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski. **Revista da Anpege**, n.2, p.115-142, 2005.

_____. O espaço da narrativa: uma leitura do conto "Preciosidade". **Revista do Departamento de Geografia**, n.19, p.54-67, 2006.

SWAAIJ, Louise van; KLARE, Jean. **Atlas da experiência humana**: cartografia do mundo interior. (trad. Celso de Campos Jr. e Isa M. Lando) São Paulo: Publifolha, 2004. 96p.

TUAN, Yi-Fu. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (eds.) **Humanistic Geography**: prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978. p.194-206.

_____. **Espaço e lugar**. A perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL. 1983.

_____. Realism and fantasy in Art, History, and Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.80, n.3, p.435-446, 1990.

_____. **Place, art, and self**. Santa Fe: Center for American Places, 2004. 86p.

WANDERLEY, Vernaide. **A pedra do reino**: sertão vivido de Ariano Suassuna. 1997. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

WANDERLEY, Vernaide; MENEZES, Eugênia. **Viagem ao Sertão Brasileiro**: leitura geo-sócio-antropológica de Ariano Suassuna, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa. Recife: CEPE/FUNDARTE, 1997.

WRIGHT, John K. Geography in literature. **The Geographical Review**, n.14, p.659-660, 1924a.

_____. The Geography of Dante. **The Geographical Review**, n.14, p.319-320, 1924b.

_____. A plea for the history of geography. *Isis*, v.8, p.477-491, 1926.

_____. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. **Annals of the Association of American Geographers**, v.37, p.01-15, 1947.

Recebido em dezembro de 2008

Aceito em março de 2009